

***PRECES E SÚPLICAS OU OS CÂNTICOS DA DESESPERANÇA**, de Vera Duarte**

Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança (Lisboa: Instituto Piaget, 2005. Coleção Poética e Razão Imaginante. 106p), da cabo-verdiana Vera Duarte, é uma obra bastante referenciada tão logo chega às mãos do leitor, pois os poemas são acompanhados de belos textos explicativos: advertência e posfácio da autora, apresentação por Carmen Tindó Ribeiro Secco e prefácio de Estela Pinto Ribeiro Lamas. Meu desafio, por conseguinte, resume-se a aguçar a expectativa do leitor e pretendo fazê-lo centrando minha leitura no que considero o núcleo da obra _ a fusão das imagens arquetípicas da Caixa de Pandora e da Hidra de Lerna _, refletindo sobre o seu rendimento poético para promover uma visão da sociedade contemporânea ancorada na questão dos direitos humanos.

Em meio à desesperança agônica da era pós-industrial, persiste nos textos de Vera Duarte um grito de amor à África (*continente condenado*, símbolo da *esperança em derrocada*, p.76 e 87) e pela salvação da humanidade (*mundo aviltado*, p. 76). De joelhos, em *hinos de súplica e esperança*, Vera canta a *poesia dos excluídos* (pp. 59 e 63), à luz desse contexto de acelerada degradação das condições de existência. As preces e súplicas de Vera Duarte anseiam por um *novo holocausto* que *devolva os homens/ Aos ideais* (p.77) e os redima dos *sofrimentos antigos e multiformes* que *mataram sonhos e esperanças/ E destruíram as utopias* (p. 76), tornando as cidades *Canaãs inacessíveis*.

A poeta abre o seu livro com um metapoema, preâmbulo de suas intenções e dos sentimentos que as motivam: *Este livrinho de poemas é uma homenagem/ que presto a esta nossa ancestralidade./ (...) Esses são poemas molhados por lágrimas/ de desespero e tristeza infinita*. Mais adiante, cita o “Navio Negreiro”, poema antológico de Castro Alves e, numa **súplica** (p. 57) em tempos de angústia, historia a trajetória dos *filhos do tam-tam e do sol* que, levados pelas *caravelas e navios negreiros*, transformaram-se nos *filhos da fome e do chicote, abjectamente escravos*.

O sofrimento, o sangue e a resistência dos seus ancestrais vão fecundando os textos e, na Advertência, a autora revela o mote desses poemas que *clamam por publicação _ Direitos humanos em forma de poesia ou a insustentável e dramática poesia dos direitos humanos*.

Ivete Manetzeder Keil, no ensaio “Paradoxo dos Direitos Humanos no Capitalismo Contemporâneo” (www.dhnet.org.br/direitos/textos/textos_dh/ivete.htm#_ftn1), discute o dilema dos que defendem os direitos humanos no nosso século, tão fatigado das injustiças praticadas no século anterior: as violações dos direitos civis, políticos e sociais, sobretudo nos

* Resenha para a revista *Metamorfoses*

países periféricos, culminam em tortura, penas cruéis, execuções sumárias, racismo, dominação estrangeira, xenofobia, pobreza, fome, intolerância religiosa, terrorismo, discriminação contra a mulher e atropelo das normas jurídicas. O *desespero deste quotidiano* (p. 75) de violações e os seus agentes são claramente representados no texto de Vera Duarte: *Ouve-me ó mundo / Ó ricos/ Ó poderosos /Ó políticos/ Ó ditadores/ Ó assassinos* (Prece Quarta, p. 80). A imagem da Hidra de Lerna (serpente gigantesca dotada de sete cabeças que renasciam ao serem cortadas) vai entrecruzar-se com as calamidades liberadas por Pandora (“dona de todos os dons”) ao abrir a ânfora que trouxera como presente de Júpiter ao futuro esposo Epimeteu. A curiosidade daquela mulher originária faz pesar sobre a humanidade as sete cabeças da Hidra que somente um esforço hercúleo (*titanesca revolta*, p. 81) poderá exterminar: *A guerra/ A tirania/ A corrupção/ A má governação/ A sida/ A estupidez/ A indiferença*. (pp. 70 e 71).

Para Ivete Keil, falar sobre direitos humanos supõe repensá-los. Em primeiro lugar, como legitimadores dessa nova ordem mundial promovida pelo capitalismo pós-industrial que, sob a máscara da neutralidade fictícia dos direitos humanos, produz um novo exercício de forças legítimas. Tendo visibilidade planetária e a ética e a paz como argumentos, a eficácia do uso da força funda a legitimidade do novo poder. As Guerras do Golfo e do Iraque representam grandes marcos dessa política, em que a guerra sacralizada pelos direitos humanos se justifica por ela mesma, pois que o “inimigo” (sic) ameaça a paz desejada e a ordem ética mundial.

Em paradoxo, Ivete Keil enfatiza que também podemos conceber os direitos humanos como instituintes de uma linha ética que produz um enorme potencial de subjetividade política que se opõe às configurações atuais da mundialização e da globalização liberal. A escrita poética de Vera Duarte funda-se nesta segunda vertente, que considera os direitos humanos enquanto *locus* possível de fecundação de alternativas contra a nova ordem do capitalismo globalitário. Consciente do dramático paradoxo que se estabelece na discussão sobre os direitos humanos, Vera Duarte aponta, nas trilhas a percorrer para minorar o **desespero** da *mais escandalosa indigência* de muitos, a *solidariedade* de alguns, **esperança** última (*sopro vital*) para a sobrevivência do humano, que ficara presa na borda da ânfora aberta por Pandora. A construção antitética contida no mito da Caixa de Pandora e a epígrafe de Manuel Alegre dão relevo à capacidade de resistir, depois de liberados todos os males: “*penetr(ando) com desespero/ No fundo da miséria dos homens*” (p. 63), o eu poético vê brotar a *flor da poesia*, **esperança** que renasce da morte, *uma rosa entre cadáveres/ metamorfose/ rosa na dor submersa, rosa mirabilica/ rosa de Eugénio* (de Andrade).

Obedecendo a uma perspectiva temporal, o canto de Vera Duarte parte das **súplicas** de tristeza e desespero (*Primeiro as súplicas*), transforma-se em **preces** (*Agora as preces*) que denunciam, num crescendo, a *impotência* (pp.52, 53, 70, 87), a *culpa*, (p. 68-69), a *vergonha* (p. 72), a *revolta silenciada*, a *humilhação*, o *ódio*, a *cólera* que explode em *maldição* (p. 81), e retorna circularmente ao *desespero* do *grito que não soa*, da *voz que não tem eco* (p. 82), da *palavra de dor/ presa na garganta* (p. 84).

Ao finalizar as preces, a poeta nos acena, premonitoriamente, com: *Um oblíquo futuro/ Todo ele contido/ na caixinha de Pandora* (p. 90). E indaga como reinventar outro futuro, deixando um fio solto que irá puxar na próxima parte do livro, “Poema do antigamente/E de hoje... ainda”.

A presença marcante da mulher na construção de um mundo diferente, enunciada no primeiro poema, “Meu eu mulher”, vai ganhando consistência nos poemas seguintes, em que são ressaltadas as sucessivas violações dos direitos daquela mulher-*princípio* (que era livre, *mulher antes da dor*), numa gradação descendente: rosto acabado, ar tristonho, cheia de varizes, miserável, bêbada, prostituta, o sexo à venda em cada esquina gerando prazer e desprezo, degradada, maltratada, desrespeitada, brutalizada e, por fim, morta à beira do cais (pp. 93-97). Face a essa trajetória de males que Pandora deixou escapar e em que ela própria deixou-se enredar, cresce um tom imperativo da fala poética: *Desperta-te mulher!/ Larga toda essa miséria/ e vem lutar pela verdadeira mulher*. E esta parte do livro encerra-se com o poema “Mulher d’hoje”, que anuncia o futuro: *Acabou-se o tempo dos abutres/ Tempos novos/ ideais recuperados/ brilho no ar e transparência em tudo/ serão espelho/ onde se reflectirá/ a imagem/ diferente e subversiva/ da mulher de hoje/ a crescer/ a VIVER* (p.98).

A partir deste gancho, que recupera os encantos positivos de uma Pandora ainda inocente, Vera Duarte pode chegar ao seu “Cântico final e redentor”. Há um futuro possível, que *existirá/resistirá* na comunhão e na poesia como contrapoderes, como formas de invocar o poder da vida, *na busca desesperada e incessante da salvação colectiva*. Com a *esperança que nasce, que cresce, que vai renascer* (pp. 72-3) e que move a ação, finaliza a poeta:

Poema é (...)/luta dos homens pela vida/ Poderemos/ Eu, tu e todos os outros/ Escrever poemas/ Sentar-nos-emos/ Na roda de poetas/ Sentar-nos-emos todos/ Numa insurreição de palavras/ Geradora e fecundante/ De um tempo novo e redimido/ E esconjuraremos juntos/ As desgraças do/ Tempo que passa/ Gloriosamente recusando/ A sorte/ A morte/ E todos os sacrilégios (p. 104).